

Aprender é Bom - Sumário

Outros Livros Publicados pelo Autor.....	2
Introdução.....	3
A Generosidade Compensa?.....	4
O Buscador.....	12
Como Ler.....	17
Compartilhar para Crescer.....	23
A Criatividade e Como Acabar Com Ela.....	28
A Escola da Vida.....	37
Fácil e Difícil.....	42
Enxergando o Invisível.....	47
O Jeito Certo.....	52
O Óbvio.....	58
Santa Ignorância.....	63
Simplicidade.....	70

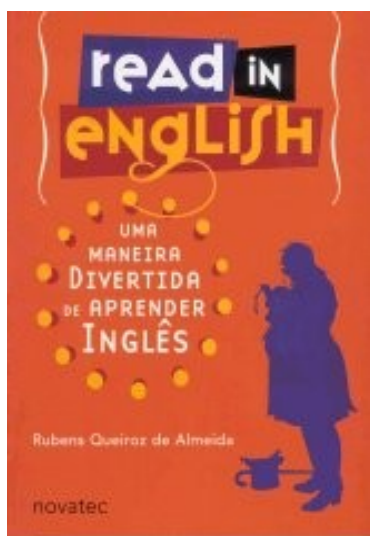
Outros Livros Publicados pelo Autor



A língua inglesa pode ser aprendida com diferentes propósitos e abordagens, entretanto poucos conhecem esse fato. O domínio completo da língua inglesa, que requer o desenvolvimento das habilidades de audição, fala, escrita e leitura, é um processo demorado, entre seis e oito anos de estudos e dedicação. Já a leitura, podemos dominar em um prazo consideravelmente mais curto, entre seis meses e um ano, dependendo de nosso interesse e motivação. No Brasil, em nossas atividades diárias, raramente necessitamos nos expressar fluentemente na língua inglesa. O que precisamos, na maioria das vezes, é compreender textos em inglês, seja para obter informações na Internet, compreender literatura técnica especializada ou desempenhar outras funções rotineiras, tais como a leitura de correspondências.

Este livro preenche uma lacuna importante no ensino da língua inglesa. Apresenta a lista das palavras mais usadas desse idioma, com exemplos de utilização, permitindo conhecer o vocabulário básico da língua inglesa em pouco tempo. Apresenta também uma metodologia de aprendizagem para utilizar esta ferramenta de acesso à informação de vital importância, que é a língua inglesa.

<http://novateceditora.com.br/livros/linguainglesa2/>



Este livro é uma coletânea de textos, citações e histórias em inglês, com o vocabulário comentado. Tem como objetivo facilitar o desenvolvimento de seu vocabulário da língua inglesa de uma maneira divertida e agradável. A seleção dos textos foi feita considerando-se, antes de tudo, a capacidade que eles têm de entreter e instruir simultaneamente.

Dedicando diariamente dez minutos à leitura deste livro, você poderá comprovar um aumento significativo na sua capacidade de ler e entender textos em inglês, ao mesmo tempo em que se diverte. Com um vocabulário de aproximadamente 5.000 palavras, esta publicação é o complemento ideal ao livro "As Palavras Mais Comuns da Língua Inglesa", também publicado pela Novatec Editora.

<http://novateceditora.com.br/livros/readinenglish/>

Este pequeno livro reúne uma série de artigos que escrevi originalmente para o boletim Nova Educação¹. Os artigos tratam de temas diversos, porém a ênfase maior é no aprendizado e na postura que devemos adotar para aprender com prazer.

Os artigos foram reformatados para poderem ser impressos e lidos longe do computador.

Espero que as idéias aqui reunidas lhe sejam úteis.

Rubens Queiroz de Almeida

Jaguariúna - SP

1º de novembro de 2005

1 [Http://www.idph.net/artigos/novaeducacao](http://www.idph.net/artigos/novaeducacao)

A Generosidade Compensa?

Muitos anos atrás, minha esposa fabricava perfumes artesanamente. Para descobrir todos os segredos foram necessárias muitas conversas, visitas a diversas pessoas, muitas leituras. Um processo muito desgastante, pois as informações só eram conseguidas a muito custo, e às vezes obtínhamos até informações erradas.

Entretanto, em uma de nossas visitas a Belo Horizonte, descobrimos uma pequena loja onde o dono nos fornecia todas as informações que buscávamos e até mesmo conhecimentos que nem sabíamos existir. Convidou-nos a visitar sua fábrica, onde nos mostrou os produtos que fabricava e como os fabricava. Não havia pergunta que deixasse sem resposta e muitas vezes nos oferecia informação espontaneamente. Esta atitude em muito nos surpreendeu, pois em nossa peregrinação em busca de informação, as pessoas não eram lá muito cooperativas.

Em determinado momento não resistimos mais e confessamos nossa surpresa com tamanha boa vontade em compartilhar tanto conhecimento. A resposta foi não menos surpreendente. O dono da loja nos disse que só começou a vencer na vida a

partir do momento em que começou a compartilhar com os demais tudo o que sabia.

Alguns anos depois, descobri na Internet algo não menos surpreendente. Sempre gostei muito de livros de ficção científica e acabei indo parar no site da Editora Baen, muito conhecida pelos fãs do genero. A Editora Baen² disponibiliza gratuitamente para download em seu site diversos livros de autores famosos.

Qual a razão para se dar gratuitamente, através da Internet, trabalhos que são o produto principal de uma empresa? Lucro, é claro. Esta explicação encontra-se no próprio website. Um livro de ficção científica, ao ser publicado, vende por volta de 5.000 exemplares no primeiro mês e mantém uma boa média durante o primeiro ano, vendendo no total algo em torno de cinquenta mil exemplares. As vendas são declinantes e por volta do segundo ou terceiro ano vende-se algo em torno de 5, 10 exemplares por mês. O primeiro autor da editora Baen que ousou aderir ao esquema de publicação de sua obra na Internet, para download sem custo, viu as vendas de seus livros crescerem. Não apenas as vendas do livro publicado na Internet mas do conjunto da sua obra.

2 <http://www.baen.com/library>

O livro publicado na Internet conta com a poderosa propaganda boca a boca (ou mouse a mouse). Se o material for de qualidade, a boa notícia espalha-se com uma velocidade inacreditável, trazendo um maior reconhecimento para o autor e sua obra e, conseqüentemente, vendas maiores.

Mas não é só isto. Também no site da editora Baen encontramos relatos de diversas pessoas que só a partir da publicação dos livros em formato digital conseguiu ter acesso a este material. Deficientes visuais e pessoas com diversos outros tipos de problemas físicos escreveram relatando suas experiências. A obra em formato digital permite que o tamanho da letra seja redimensionado para uma visualização mais adequada, sintetizadores de voz podem ser usados. Um leitor relatou que, devido a problemas ósseos, não conseguia virar as páginas de livros comuns. Este tipo de uso não havia sido antecipado pelos patrocinadores do projeto na Editora Baen. Por esta razão as obras são publicadas em diversos formatos, como RTF, texto puro, html e diversos outros, para que o maior número possível de pessoas possa ser contemplado.

Mas provavelmente o exemplo mais eloquente de que a generosidade compensa é o fenômeno do software livre, cuja face mais visível é o sistema

operacional Linux. Criado em 1991 por Linus Torvalds, o Linux é hoje, 13 anos depois, um sistema adotado e patrocinado por gigantes da informática como IBM, Dell, HP e muitos outros fabricantes.

A grosso modo, o mundo da informática é hoje dividido entre duas facções. Uma delas defende o lucro acima de tudo e de todos, com o objetivo de impor seus padrões e criar uma dependência asfixiante, e o mundo do software livre.

Os dois movimentos são extremamente complexos e suas motivações possuem inúmeras facetas. Seria um ingenuidade minha ter a pretensão de querer explicar algo tão amplo em um pequeno artigo como este. Entretanto, gostaria de tentar apresentar alguns fatos e aguçar a curiosidade do leitor.

Em 1985, assisti a uma palestra apresentada por um funcionário da IBM, onde ele defendia que em cinco anos, por volta de 1990, os computadores em breve iriam dispensar os seres humanos para sua administração e seriam capazes de realizar a maioria de suas tarefas sozinhos, sem acompanhamento. É claro que isto não ocorreu. Naquela época os computadores eram usados principalmente em bancos, processamento de

folhas de pagamento e alguns outros usos mais especializados. Os computadores, que em 1985 eram privilégio apenas de empresas poderosas, podem ser hoje adquiridos com grande facilidade e estão ao alcance de uma grande parcela da população. Esta universalização trouxe consigo uma aplicação mais generalizada dos computadores em praticamente todos os setores da vida moderna. Não existe hoje uma empresa que não tenha ou pense em ter um website para contato com seus clientes e fornecedores. Universidades publicam sua produção acadêmica na Internet, alunos já fazem suas matrículas de onde estiverem, consultam bibliotecas e muito mais. Consultórios médicos, lojas de material de construção, padarias, lanchonetes, enfim, praticamente em qualquer ponto do setor econômico você encontrará um computador. Enfim, um dos grandes pilares em que se sustenta a sociedade moderna é a informática (computadores e redes).

Dentro deste cenário, volto a confrontar os dois movimentos que criam a inteligência que movimenta os computadores: o movimento do software proprietário e o movimento do software livre. O software proprietário nos entrega programas de computadores que executam determinadas tarefas, porém não nos dizem como os computadores foram

instruídos a fazer isto. Em caso de problemas os únicos que podem consertar o erro são os fabricantes. Nós, usuários, não podemos consertar nada. É o mesmo que comprar um carro em que o capô venha soldado. Em caso de problemas temos que mandar o carro para que a fábrica o conserte. Inconcebível, não? Pois então, com os programas de computador que você usa ocorre exatamente o mesmo.

Com o outro movimento, do software livre, o que está em jogo é o desafio de solucionar problemas criativamente, a engenhosidade, ajudar o seu vizinho e, em última instância, o prazer puro e simples. Além do programa pronto para ser executado em seu computador, esta categoria de programas, os programas livres, são distribuídos juntamente com sua receita, o código fonte. O próprio usuário, por si só, ou orientado por outros, pode modificar o programa e redistribuí-lo para quem bem entender. O mais importante é a liberdade de se usar, modificar e distribuir os programas. A liberdade que é recebida não pode ser retirada dos demais. Se eu obtenho um programa livre tenho por obrigação mantê-lo livre, não posso restringir o seu uso.

No livro *Segredos e Estratégias de Sucesso da Microsoft*, de autoria de David Thielen, logo no

início se comenta que a empresa não tem uma definição de missão escrita, mas ao perguntarmos a qualquer um de seus funcionários qual o seu objetivo final, qualquer um deles dará a mesma resposta: conquistar o mundo.

Os tempos certamente mudaram. Para se conquistar o mundo não é mais necessária a mobilização de exércitos, massacres e destruição. Entretanto a conquista do mundo certamente envolve a dominação e a supressão de liberdades. Esta declaração de missão não escrita certamente traz uma mensagem bastante reveladora.

Estes dois movimentos representam uma situação paradoxal. De um lado uma empresa que praticamente conquistou o mundo da computação, com práticas frequentemente desleais (basta consultar na Internet o histórico dos diversos processos movidos contra ela) e do outro, milhares de pessoas espalhadas pelos cinco continentes criando soluções tecnológicas que hoje fazem frente e até mesmo ameaçam este império, muitas vezes sem ganhar nada por isto, com o simples objetivo de ajudar seu próximo ou pelo simples prazer de criar algo novo.

Diversas empresas se estruturam hoje com sucesso a partir da filosofia do software livre. Existem

profissionais de grande reputação, disputados a peso de ouro por empresas de renome, e que se dedicam à criação de software livre. Muitos outros embora não remunerados por seu trabalho, dedicam-se também ao software livre pelo prazer que derivam deste trabalho.

Emfim, é perfeitamente possível garantir uma forma de vida digna preservando a integridade moral e valores elevados. Os exemplos citados neste artigo são apenas alguns entre muitos que poderiam reforçar esta mensagem.

A crença de que prosperidade e generosidade são conceitos opostos ainda é bastante comum nos tempos de hoje. Bem, talvez seja a hora de revermos nossos conceitos ...

No livro *Como a Mente Funciona*, de Steven Pinker, eu achei uma pérola. Logo no prefácio, o autor afirma:

Patrícia Claffey, da Biblioteca Teuber do MIT, conhece tudo, ou pelo menos sabe onde encontrar, o que dá na mesma.

Existem as pessoas que sabem muito pouco de quase tudo, e os que sabem muito sobre quase nada. O terceiro tipo, muito menos conhecido, é aquele que sabe procurar. (existe também aquele que não sabe nada sobre nada, mas não estamos interessados nele neste momento).

Eu sempre tive um grande fascínio por bibliotecas. Era impressionante como as bibliotecárias que eu conhecia sempre sabiam me indicar, naquela multidão de livros, o que eu procurava. Para mim era algo mágico. O mundo conectado em que vivemos hoje é algo além de qualquer sonho. As bibliotecas não possuem mais limites. Se por um lado temos a satisfação de saber que pode-se encontrar praticamente de tudo no mundo online, ao mesmo tempo nos vemos reduzidos ao desespero. Como lidar com tanta informação?

De uma certa forma, como Steven Pinker observou, uma habilidade sem preço é desenvolver a habilidade de encontrar a informação. No mundo online, principalmente depois da chegada do mecanismo de busca Google ³, esta tarefa ficou consideravelmente mais fácil. Não precisamos mais nos preocupar em inculcar em nossas mentes, laboriosamente, centenas de informações que provavelmente nunca iremos usar. Basta saber procurar e fazer bom uso da informação.

Como fica a nossa educação, com sua obsessão com a memorização de fatos? Como ficam os professores, que supostamente são os donos da verdade? Qualquer aluno com um pouco de familiaridade com a Internet pode descobrir fatos além da imaginação de qualquer professor.

O professor deve se adaptar a um novo papel, o papel daquele que instiga a curiosidade, que fornece as ferramentas para pesquisa, que acolhe as idéias de seus alunos e que, principalmente, saiba ouvir. Não sabe a resposta para algo? Então vamos descobrir juntos. Definitivamente, o educador deve descer do pedestal, onde nunca deveria ter subido.

3 <http://www.google.com>

Nas minhas aulas de inglês instrumental, quando o aluno me pergunta o significado de uma palavra em inglês, eu digo que ele só vai aprender o significado se descobrir sozinho. E não respondo. Digo também que não faz diferença alguma ele descobrir o significado daquela palavra em particular hoje ou daqui a dez anos. O importante é que ele descubra por si só. O aprendizado independente é o mais valioso de todos, o mais duradouro, e o que traz mais recompensas.

Mas nada disto é novo. Vejam o que Platão disse, muitos anos atrás (*Platão, Theaetetus, 150c-d*):

... algo que eu tenho em comum com as parteiras é que eu mesmo sou estéril de sabedoria. O questionamento mais frequente contra mim é que estou sempre fazendo perguntas de outros mas nunca expesso a minha própria visão sobre nada, porque não há em mim nenhuma sabedoria; e isso é bem verdade. E a razão disso é esta, é que Deus compeliu-me a facilitar o parto alheio, mas proibiu-me de procriar. De tal modo que eu não sou um homem sábio em nenhum sentido da palavra; eu não posso alegar como sendo filho de minha alma nenhuma descoberta que mereça o nome de sabedoria. Mas com aqueles que se associam a mim é diferente. De início

alguns deles podem dar a impressão de serem ignorantes e estúpidos, mas à medida que o tempo passa e nossa associação prossegue, todos a quem Deus permite mostram ter feito progressos -- um progresso que surpreende outras pessoas e a eles próprios. E fica ainda claro que isso não se deve a nada que eles tenham aprendido comigo; é que eles descobrem em si mesmos uma variedade de coisas belas, que eles então trazem à tona para a luz.

A ansiedade frente a quantidade de informação existente e aos alunos cada vez mais desinibidos no mundo virtual é algo que deve ser encarado de forma mais serena. Nunca um indivíduo será capaz de fazer frente à produção intelectual de milhões de pessoas que publicam seu conhecimento na Internet. Devemos aprender que não existem mais certezas absolutas e que o processo de aprendizado deve ser conduzido conjuntamente, alunos e professores. Todos se beneficiarão ao final.

Referências

- Busca na Web⁴

Eu escrevi um pequeno tutorial sobre busca na

4 <http://www.ead.unicamp.br/minicurso/bw/index.html>

Web com o Google. É bem curto mas fornece informações preciosas.

- ***Como a Mente Funciona***, Steve Pinker

Uma visão revolucionária do funcionamento da mente humana, escrito de maneira clara e objetiva. Pinker além de cientista, sabe escrever bem. Um livro que "altera o nosso modo de pensar sobre o pensamento".

Eu costumo recomendar que a velocidade da leitura deve estar em razão inversa com a nossa compreensão do que estamos lendo. Em outras palavras, quanto menos entendermos, mais rápido devemos ler.

Esta é uma recomendação freqüentemente encarada com desconfiança. Mas como, devemos ler mais rápido se não entendermos bem o texto? Exatamente. Agora deixem-me explicar a razão desta orientação.

Quando não estamos entendendo algo que lemos, reduzimos a nossa velocidade de leitura, abrimos mais os olhos, não piscamos, contraímos os ombros, tudo no intuito de prestar mais atenção.

Ao reduzirmos a nossa velocidade de leitura estamos fornecendo ao nosso cérebro uma quantidade de informação inferior à que é capaz de processar. A tendência natural é divagarmos e começarmos a pensar em outras coisas. Este é um processo que não podemos controlar. Tente não pensar em alguma coisa, por exemplo, o Pão de Açúcar no Rio de Janeiro. Conseguiu? Certamente que não.

As nossas tentativas de focar a atenção reduzindo a velocidade raramente produzem resultados. Ao lermos mais devagar perdemos a visão do todo. Impedimos o nosso cérebro de ativar os conhecimentos relacionados, que adquirimos de diversas formas ao longo de nossa vida. Este conhecimento prévio nos ajuda a esclarecer os conceitos contidos no texto que estamos lendo. Apenas quem voa em um avião consegue ver os contornos de uma cidade. Dificilmente quem vive olhando para o chão conseguirá obter uma visão mais ampla.

Abrir mais os olhos não aumenta a nossa capacidade de visão. Muito pelo contrário. Estas atitudes podem inclusive conduzir a uma deterioração dos órgãos visuais (ver referências) Nossos olhos são capazes de focar a atenção apenas em pequenas áreas. A visão mais ampla é obtida através de uma contínua movimentação dos olhos. Olhar fixamente para algo, sem piscar, priva os olhos de mecanismos naturais de proteção e funcionamento. Ao piscarmos menos privamos os olhos da lubrificação de que tanto necessitam.

Todos estes fatores conduzem a uma situação de estresse e cansaço, e mais do que tudo, nos priva do prazer que toda experiência de aprendizado deve trazer consigo. Dificilmente alguém

conseguirá se envolver por períodos prolongados de tempo estudando algo que lhe traz tanto desprazer.

A compreensão de informação nova depende de diversos fatores. O conhecimento prévio do assunto melhora a nossa compreensão de textos novos através do estabelecimento de relações entre o novo e o velho.

Ler mais rápido nos impede de adotar estas posturas desgastantes e danosas à nossa saúde e nos permite ver o assunto de forma mais ampla. Leituras subseqüentes vão nos fornecer mais e mais indícios que nos permitirão alcançar gradativamente uma melhor compreensão.

Ao lermos textos em outro idioma (e mesmo em nosso idioma nativo), dificilmente obtemos uma compreensão integral. Esta compreensão integral raras vezes também é necessária. Ao lermos algo sempre temos um objetivo em mente. A medida do sucesso não é a compreensão integral, palavra a palavra, mas sim conseguirmos obter do texto as informações que necessitamos. Se entendermos apenas 10% de um texto, mas mesmo assim conseguirmos obter a informação que buscamos, o sucesso é total.

Nunca devemos também nos esquecer que o aprendizado de um idioma é um processo. Se a

nossa forma de estudo é tediosa, dolorosa e sem atrativos, dificilmente conseguiremos prosseguir.

Neste processo de aprendizado devemos fazer algo TODOS os dias, mesmo que por apenas alguns minutos. O tempo passa, e cada vez mais rápido. Mesmo que estudemos apenas cinco minutos por dia, ao final de um ano os resultados são bastante palpáveis. Se não fizermos nada não teremos chegado a lugar nenhum e o ano terá se passado da mesma forma.

Lembre-se sempre destes pontos. E se não estiver entendendo muito bem, leia mais rápido.

Referências

A seguir listo algumas referências sobre o Método do Dr. Bates, médico americano que desenvolveu um método de melhoria da visão extremamente interessante, porém praticamente esquecido nos dias de hoje. Os ensinamentos do Dr. Bates me influenciaram profundamente e são base para muitos dos conhecimentos que tento transmitir em minhas aulas.

Eu particularmente tenho um relato bem interessante sobre o assunto. Muitos anos atrás, ao ministrar um curso sobre a Internet, estava explicando o funcionamento dos <I>Usenet News Groups</I>. Como os alunos eram da área médica,

eu entrei em um grupo de discussão sobre medicina. Neste grupo, havia um pedido de uma pessoa, dos Estados Unidos, que buscava informações sobre o método do Dr. Bates e indicações de livros. Esta pessoa, segundo seu relato, estava quase cega e procurando ajuda fora dos círculos médicos tradicionais.

Eu já havia lido os livros do Dr. Bates e de Aldous Huxley e forneci as indicações solicitadas. Esqueci o assunto. Depois de seis meses, para minha surpresa, eu recebi uma mensagem de agradecimento desta mesma pessoa relatando que havia conseguido uma melhoria espantosa em sua visão, apenas seguindo o método.

- ***Perfect Sight Without Glasses***⁵

Escrito pelo Dr. William Bates, e publicado em 1943, esta obra nos fornece informações valiosas sobre a reeducação visual. Praticamente esquecido nos dias de hoje, o método do Dr. Bates chegou a ser empregado com sucesso por muitos anos nas escolas americanas. Este livro encontra-se disponível na íntegra na Internet.

- ***The Art of Seeing***

5 http://www.i-see.org/perfect_sight

Este livro, escrito por Aldous Huxley, oferece um relato pessoal do método do Dr. Bates e seu sucesso. Aldous Huxley chegou a ficar praticamente cego após uma doença em sua adolescência e conseguiu uma recuperação espantosa seguindo este método. Seu livro relata diversos exercícios e explica o método do Dr. Bates de forma bastante clara e atraente.

- ***Veja sem Óculos: Como Melhorar Sua Visão Naturalmente***

Único livro sobre o assunto traduzido para o Português.

- ***Bibliografia sobre o Método Bates⁶***
Lista comentada sobre a bibliografia disponível sobre o assunto.

6 <http://web.singnet.com.sg/~hanwen/bkreview.htm>

George Bernard Shaw, dramaturgo e crítico literário irlandês, disse certa vez: "Se você tem uma maçã e eu tenho uma maçã e trocarmos estas maçãs, então eu e você teremos ainda apenas uma maçã. Mas se eu tenho uma idéia e você tem uma idéia, e trocarmos nossas idéias, então cada um de nós terá duas idéias."⁷

Infelizmente o pensamento de Bernard Shaw não anda muito em voga nos dias de hoje. Muitos pensam que o compartilhamento de idéias, conhecimentos, posses, nos torna mais pobres. Muito pelo contrário. Existem exemplos em abundância mostrando que o compartilhamento pode muitas vezes levar a uma maior riqueza.

Tomemos o exemplo da editora americana Baen, especializada em publicar livros de ficção científica. Eles descobriram uma coisa espantosa. Publicar seus livros na Internet, em diversos formatos eletrônicos, contribuiu para aumentar as vendas de muitos de seus autores. Os livros publicados na Internet são distribuídos em diversos formatos: RTF, HTML, Rocket Book, apenas para

7 If you have an apple and I have an apple and we exchange these apples then you and I will still each have one apple. But if you have an idea and I have an idea and we exchange these ideas, then each of us will have two ideas.

citar alguns. Os leitores, em cartas à editora, disseram que nunca teriam comprado os livros caso não tivessem tido a oportunidade de conhecer o trabalho dos autores previamente. Além da surpresa óbvia de constatarem um aumento nas vendas, eles descobriram que a distribuição dos livros no formato eletrônico tinha contribuído para melhorar a vida de pessoas com deficiências físicas. Pessoas com deficiência visual, com doenças de articulação e incapazes de até mesmo segurar os livros, puderam desfrutar do prazer de ler livros de qualidade.

Você certamente encontrou ao longo de sua vida pessoas generosas, que lhe ensinaram tudo que puderam e mostraram o caminho para muito mais conhecimento. Encontrou também pessoas humildes de seu saber, que muito a contragosto compartilham qualquer migalha que seja de sua experiência.

Eu nunca me esqueço de um amigo que me contou que seu dentista, ao ver um colega de profissão entrar na sala, se esforçou para ficar em frente do outro para evitar com que este visse como estava trabalhando. Comigo também aconteceu algo parecido. Estava iniciando em minha profissão e fiz uma pergunta a um colega de trabalho. Ele respondeu que o assunto era muito complexo para

eu entender e que não queria perder tempo comigo. Claro que eu consegui aprender o assunto e já tive a oportunidade de ensinar a mesmíssima coisa para centenas de pessoas, pessoalmente e através da Internet. Posso garantir que a minha vida não piorou por ensinar outras pessoas aquilo que me custou tanto para aprender. Muito pelo contrário.

O que Bernard Shaw sintetizou de forma admirável é que não nos tornamos mais pobres ao compartilharmos nossas idéias. Não pense que por dominar uma pequena área de conhecimento admiravelmente você se tornará mais importante. Jack Welch, o presidente da GE que a transformou em uma das maiores, melhores e mais bem sucedidas empresas atuais, gastava cerca de um quarto de seu tempo investindo na formação de talentos que pudessem vir a substituí-lo um dia.

A Internet, que tornou possível o projeto da Biblioteca Livre da Editora Baen, é um meio extremamente generoso. Informações, programas de computador, e muito mais, está ao nosso alcance gratuitamente. Quando pedimos ajuda, recebemos a atenção de pessoas que nunca vimos e provavelmente nunca veremos. É natural, ao recebermos tanto, que queiramos também compartilhar o que possuímos.

Estas informações que recebemos de diversas pessoas, em pequenas doses, são fontes valiosas de conhecimento. Muitos de nós frequentam a escola por anos a fio. Mas pare um pouco e pense. Faça um inventário das habilidades que realmente lhe são úteis na vida. Quantas delas você aprendeu na escola? Se você for uma pessoa normal, verá que mais de 90% daquilo que faz a diferença na sua vida você aprendeu, ou sozinho, ou através dos ensinamentos de um amigo, seus pais, avós, irmãos e muitos outros.

Podemos aprender coisas importantíssimas em qualquer lugar e a qualquer tempo. Observe as pessoas à sua volta, veja o que cada uma delas tem de especial. Seja receptivo para poder aprender com elas. Peça ajuda quando precisar. Ao contrário dos exemplos que citei, existem muitas pessoas boas e que têm um grande prazer em compartilhar idéias e experiências. Não se esqueça, acredite sempre em sua capacidade. Não deixe que pessoas como o meu ex-colega de trabalho lhe desanimem. Faça uma análise agora das pessoas que conheceu na sua vida. As pessoas generosas certamente possuem um lugar especial nas suas recordações. Possivelmente estas pessoas são mais felizes e possivelmente mais bem sucedidas do que as demais. O escritor argentino Jorge Luis Borges disse

certa vez que alguém só morre de verdade quando se vai a última pessoa que se recorda de nós. Siga os conselhos deste grande escritor. Faça com que as pessoas próximas a você não se esforcem para esquecê-lo. Deixe a sua marca neste mundo. Compartilhe!

A Criatividade e Como Acabar Com Ela

Na verdade o título deste artigo é um tanto quanto redundante. Se existe algo que nossa sociedade faz muito bem, da escola à universidade e daí para o mercado de trabalho, é sufocar a criatividade.

Criatividade diz respeito a criar coisas novas ou descobrir maneiras diferentes de fazer tarefas antigas. A pessoa criativa é considerada perigosa por muitos, porque elimina o conforto da estabilidade. Estabilidade, para um grande número de pessoas, significa segurança.

Eu me lembro de fato interessante que ocorreu em meu primeiro emprego como programador de computadores. Eu havia recebido a tarefa de aperfeiçoar um programa de computador, vital para o bom andamento das operações da empresa. Com as mudanças que fiz, o tempo de processamento dos dados caiu, de alguns dias para apenas umas poucas horas.

Quando a implantação final estava sendo programada, eu fui informado pelo chefe de operações que eu deveria ir embora e esquecer tudo. Conformado, juntei minhas coisas e fui me despedir do superintendente. Este, por sua vez,

furioso, chamou o chefe de operações e reativou os trabalhos. Esta conversa eu não presenciei, mas certamente deve ter sido interessante.

O que o chefe de operações tentava preservar era a estabilidade. O novo, representado pelo conjunto de programas desenvolvidos, embora com resultados excelentes, representava uma ameaça à situação atual, onde tudo funcionava bem. Mais uma vez entrava em cena o velho ditado:

Em time que está ganhando não se mexe.

A pessoa criativa frequentemente é ridicularizada. No livro ***Idéias Criativas: Como Vencer Seus Bloqueios Mentais***, de James L. Adams, encontra-se uma passagem bem ilustrativa deste fato.

Os inventores mais fantásticos que conheci confiavam plenamente em sua capacidade criativa, dependendo pouquíssimo do apoio dos outros. Certa vez trabalhei com um criador deste tipo. Bastava expor-lhe um problema para que ele saísse imediatamente com uma solução. Essas soluções costumavam ser tão mal pensadas que eu precisava me esforçar para não rir. Em seguida ele ia alegre e contente até o escritório do lado e recebia críticas que, se fossem dirigidas a mim, me deixariam deprimido por vários dias. Depois

de incorporar a crítica à sua idéia, passava ao escritório seguinte. Desse modo ele literalmente construía uma solução, muitas vezes brilhante. Devia seu sucesso à capacidade que possuía em aceitar e incorporar críticas. Mas pessoas assim são raras.

O caso acima ilustra bem o que ocorre com frequência em praticamente todos os lugares onde estudamos e trabalhamos. Infelizmente são poucas as pessoas que conseguem lidar com críticas negativas, incorporando-as às suas idéias e ganhando com isto.

A pessoa criativa geralmente é muito otimista e pensa que tudo pode ser feito facilmente. Já o pessimista pensa que nada vai dar certo, e é uma questão de tempo até tudo dar errado. Enxerga defeitos em tudo.

Entretanto, os dois são necessários. O otimista tende a ignorar os problemas e o pessimista pode ser uma ajuda valiosa neste caso, apontando as falhas. O gerente de bom senso deve empregar estes dois talentos com sabedoria. Nunca coloque o pessimista para trabalhar nas fases iniciais de um projeto. Ninguém vai conseguir sair do lugar. A

hora de se chamar o pessimista é depois que a idéia já foi consolidada e o protótipo já está pronto.

Li recentemente sobre uma empresa que tomava cuidados para isolar o pessimista dos demais, neste caso um engenheiro de grande talento. Este engenheiro tinha uma sala privativa e não podia nem mesmo se encontrar com os projetistas antes da hora certa, para não contaminá-los com seu negativismo. Mas sua contribuição era fundamental, pois suas críticas contribuíam para eliminar falhas que poderiam comprometer o sucesso do projeto. Já ouviu a história, o otimista inventou o avião e o pessimista o para-quedas?

Não interprete as críticas às suas idéias como limitações pessoais. Se existe alguma coisa errada, o erro pode estar na idéia, mas nunca em nós mesmos. Idéias podem ser aperfeiçoadas mas se nos convenceremos de que não somos criativos, que nunca conseguimos pensar em algo bom, o problema fica bem mais complicado. Encare as críticas tentando obter delas o que de bom elas contiverem e use-as para aperfeiçoar as suas idéias. Críticas destrutivas, que visam a destruir a sua auto-estima, devem ser ignoradas.

Muitas pessoas reclamam que não são criativas, que não conseguem ter idéias e assim por diante.

Esquecem-se que a criatividade não é um raio luminoso que desce no céu, nos oferecendo soluções prontas. Thomas Edison fez mais de 10.000 experimentos até conseguir aperfeiçoar a sua lâmpada elétrica.

Igualmente importante, não somos todos iguais. Podemos desenvolver um nível de competência de bom nível em praticamente todas as atividades em que nos envolvermos, desde que para isto estejamos motivados. Existem algumas áreas, entretanto, em que possuímos um potencial maior. Se nos dedicarmos a desenvolver nossas habilidades naturais certamente teremos resultados excelentes.

A criatividade, e isto já foi provado cientificamente em diversos estudos, pode ser desenvolvida. Não é um presente divino que apenas alguns poucos recebem.

Não se esqueça, e isto também já foi provado cientificamente, os otimistas e criativos são pessoas mais saudáveis, vivem mais e melhor, e são mais prósperas.

A criatividade é um assunto amplo e apaixonante. Gostaria de recomendar dois livros excelentes sobre o assunto, ambos traduzidos para o português. O primeiro deles chama-se *Idéias Criativas: Como*

Vencer Seus Bloqueios Mentais, escrito por James L. Adams, Ediouro e o segundo é o ***Espírito Criativo***, de autoria de Daniel Goleman, Paul Kaufman e Michael Ray, Editora Cultrix.

Para encerrar, gostaria de citar alguns casos famosos de erros de julgamento quanto a produtos e idéias de sucesso. Felizmente para nós os criadores destas idéias seguiram em frente e marcaram o mundo com seus feitos.

O cavalo está aqui para ficar, porém o automóvel é apenas uma novidade - uma moda passageira

Presidente do Michigan Savings Bank, aconselhando o advogado de Henry Ford a não investir na Ford Motor Company

Máquinas voadoras mais pesadas do que o ar são impossíveis.

Lord Kelvin, 1885

A televisão não será capaz de manter nenhum mercado que conseguir após os primeiros seis meses. As pessoas logo se cansarão de olhar para uma caixa de madeira compensada toda noite.

Daryl F. Zanuck, presidente do estúdio de cinema 20th Century Fox, comentando, em 1946, sobre a televisão.

Tudo o que pode ser inventado já foi inventado.

Charles H. Duell, comissário do U.S. Office of Patents, num relatório em 1899 para o Presidente McKinley - argumentando que o escritório de patentes deveria ser abolido.

Quem é que quer ouvir os atores falarem?

Harry M. Warner, presidente da Warner Bros. Pictures, em 1927.

Este tal de telefone tem muitas deficiências para ser levado a sério como um meio de comunicação. Este dispositivo não tem nenhum valor para nós.

Western Union internal memo, 1876

O conceito é interessante e bem formulado, mas para conseguir uma nota melhor do que C, a idéia precisa ser viável.

Avaliação de um professor da Universidade de Yale em resposta a um trabalho de Fred Smith propondo um serviço de entregas rápido. Fred Smith é o fundador da Federal Express.

O Professor Goddard não sabe a relação entre ação e reação e a necessidade de se ter algo melhor do que o vácuo contra o qual reagir.

Parece que ele não tem o conhecimento básico

ensinado diariamente nas escolas de nível médio.

Editorial, de 1921, do jornal New York Times sobre o trabalho revolucionário de Roberto Godddard sobre propulsão com foguetes

Se eu tivesse pensado sobre isto, eu não teria feito o experimento. A literatura está cheio de exemplos que dizem que você não pode fazer isto.

Spencer Silver sobre o trabalho que o conduziu à descoberta dos adesivos "Post-It"

O abdomen, o peito e o cérebro estarão para sempre fechados à intrusão do cirurgião humano.

Sir John Eric Ericksen, Cirurgião Britânico da Rainha Vitória

A teoria dos germes de Louis Pasteur é uma ridícula ficção.

Pierre Pachet, Professor de Fisiologia

Nós não gostamos do som deles, e música de guitarra está fora de moda.

Decca Recording Co. ao rejeitar os Beatles em 1962

Aviões são brinquedos interessantes, mas não possuem nenhum valor militar.

Marechal Ferdinand Foch, Professor de Estratégia, Escola Superior de Guerra

640K são mais do que suficientes para as necessidades de qualquer pessoa.

Bill Gates, 1981

Um fato constantemente esquecido por muitos, é que o maior responsável pelo aprendizado é o próprio aluno.

Infelizmente aprendemos que só podemos aprender com um professor e em uma escola, o que está longe de representar a verdade.

Pare e pense um pouco nas habilidades essenciais que você desenvolveu e que lhe permitem conduzir sua vida. Quantas delas você aprendeu na escola? Certamente não muitas. Pense também no contrário, em todas as coisas que você aprendeu na escola e que hoje não passam de meras recordações inalcançáveis, que não lhe servem para nada? O número certamente é muito maior.

Por aprendizado não quero dizer apenas assuntos relacionados com as ciências como matemática, física ou química. Por aprendizado refiro-me também àquelas pequenas coisas que tornam a nossa vida mais feliz e produtiva.

Por exemplo, uma das coisas que eu aprendi bem depois de ter concluído o meu curso superior, que produziu uma melhora significativa na minha qualidade de vida, foi o fato de sempre me lembrar de colocar as coisas que preciso com mais

freqüência em um mesmo lugar. Antes disto eu frequentemente me esquecia onde colocava a chave do carro, ou coisas importantes, e na hora de sair para trabalhar ficava meia hora procurando. Ao fim do processo estava irritado e cansado. Isto já no começo do dia. Idiota, não? Mas para mim fez toda a diferença.

Outra coisa que eu aprendi também depois de muito tempo é que todas as tarefas podem ser completadas se fizermos um pouquinho a cada dia. Muitas tarefas, quando contempladas de forma geral, possuem dimensões assustadoras e uma aura de impossibilidade. Como eu sou muito preguiçoso, sempre deixava as coisas para depois, fabricando justificativas para nunca começar. Eu comecei a ver as coisas de forma diferente ao ler uma tirinha do Snoopy e do seu amigo passarinho, o Woodstock. O Snoopy resolveu ler o livro "Guerra e Paz", de Tolstoy, de forma bem peculiar. Uma palavra por dia. O problema é que ao chegar na quinta palavra, chegou seu amigo Woodstock e pediu a ele para recomeçar a leitura, o que foi motivo de briga entre os dois amigos. O Snoopy não queria recomeçar de jeito nenhum, afinal de contas, já estava na quinta palavra! Se alguém se anima a ler "Guerra e Paz", uma palavra por dia

Esta pequena historinha me animou a lançar diversos projetos. O primeiro deles foi a lista Dicas-L, hospedada na Unicamp, onde eu envio uma dica de informática por dia. Pois então, escrever um livro sempre me pareceu uma tarefa assustadora. Com as mensagens escritas diariamente para a lista, ao final de aproximadamente três anos, eu fiz uma compilação das melhores mensagens e publiquei um livro chamado "Linux: Dicas e Truques".

Gostei bastante da idéia e lancei uma outra lista, a EFR (English For Reading). Ao dar as aulas de inglês instrumental na Unicamp eu notava que os alunos só liam em inglês quando iam às aulas. Fora delas não tinham nenhum contato com a língua inglesa, embora eu sempre recomendasse que buscassem se expor ao idioma. É claro que apenas as aulas não eram suficientes para desenvolver a habilidade de leitura, então pensei em algo que fosse ao mesmo tempo atraente e que fizesse com que as pessoas lessem diariamente algo em inglês. Veio então a idéia da lista eletrônica que veicula um texto em inglês por dia, uma piada, uma citação, uma história interessante e por aí vai. Considerando-se que o vocabulário básico para entender e se expressar em inglês consiste de algo em torno de 1000 palavras, se voce aprender apenas uma

palavra nova por dia com as mensagens, em três anos terá um vocabulário que lhe permitirá entender textos em inglês e, dependendo de sua motivação e dedicação, até mesmo desenvolver sua fala. E daí saiu outro livro, *Read in English: Uma Maneira Divertida de Aprender Inglês*.⁸

Muitos irão dizer, "Puxa, três anos, é muito tempo". Por incrível que pareça, três anos NÃO é muito tempo. Ao terminar meu curso de engenharia pensei em fazer um curso de letras, pois gosto muito de idiomas. Na época, com 23 anos, pensei, "Puxa, um curso de letras dura quatro anos, é muito tempo". Bom, nos vinte anos que se passaram desde então daria para ter feito o curso de letras 5 vezes.

Nas minhas aulas de inglês sempre encontro alunos com remorso por não poderem se dedicar mais, por não terem tempo. Estes sentimentos frequentemente os levam a desistir de seus estudos e deixam de adquirir uma habilidade fundamental para o exercício de suas profissões. Tento então dizer-lhes que não é preciso ter muito tempo para se aprender qualquer coisa, basta fazer um pouco todos os dias.

Resumindo, o tempo passa e se você não fizer nada com o seu tempo ele vai passar do mesmo jeito. Ou

8 <http://novateceditora.com.br/livros/linguainglesa2/>

seja, determine as suas metas e faça alguma coisa todos os dias para alcançar seus objetivos, mesmo que seja muito pouco. O resultado certamente vai aparecer e você se sentirá muito bem. Quando olhar para trás certamente ficará feliz em saber que os anos que passaram não foram uma procissão monótona de eventos sem importância.

Isto também eu não aprendi na escola, mas tem me ajudado muito.

A palavra "difícil" traz consigo uma conotação extremamente negativa. Como significados agregados pensamos em fracasso, incapacidade, incompetência, e por aí vai.

Eu evito sempre que possível usar esta palavra. Por exemplo, em minhas aulas de leitura em inglês, eu sempre digo que não existe texto fácil ou difícil, apenas textos para os quais já estamos preparados e outros que vão nos exigir um pouco mais de estudo.

Certa ocasião, em uma aula de leitura, apresentei aos alunos um texto sobre informática, que eu achava fascinante. O texto fazia diversas especulações sobre o nosso futuro e como a tecnologia da informação iria moldar este futuro. O texto foi um fracasso completo. Todos reclamaram que era muito complexo, pouco interessante. Um verdadeiro desastre.

Já em outra aula, o texto tratava da história do futebol no Brasil, como surgiu, como chegou até nós, as nossas conquistas no futebol. A receptividade para este texto foi totalmente diferente daquela recebida pelo texto de

informática. Em termos de complexidade eu diria que os dois se equivaliam. O grande diferencial foi a informação prévia sobre o assunto que os alunos possuíam. De informática não sabiam quase nada, já de futebol ...

Rotular algo de difícil, principalmente no ensino de idiomas, é algo que mina a auto-estima. Vejam os exemplos acima. Os dois textos, à exceção de alguns termos específicos à área de futebol e informática, possuíam uma complexidade semelhante. A diferença é que a quantidade de informação que possuímos antes de ler o material é um fator determinante para sua melhor compreensão. Ao selecionar o texto sobre informática não pensei que os alunos não possuíam a mesma familiaridade e interesse sobre o assunto que eu. O texto era ótimo mas, ao que parece, só para mim. Dificilmente alguém pensará que este é o problema. Pensará que não entende de inglês, que não consegue aprender, etc.

O que eu quero dizer é que não há nada fácil ou difícil. Existem coisas para as quais estamos preparados e outras para as quais precisamos investir um pouco mais de tempo. Fazer um julgamento sobre a competência ou falta dela para resolver determinado problema baseando-nos

apenas em um primeiro contato é algo totalmente equivocado.

A nossa capacidade de reter conhecimentos é tanto maior quanto maior for o nosso conhecimento do mundo. Toda informação nova que recebemos precisa fazer sentido para nós. Não somos computadores, que armazenam informações desconexas, que não se relacionam com nada. Uma técnica comum de memorização de nomes consiste em associar as feições ou alguma característica peculiar da pessoa a que somos apresentados a algo que faça sentido para nós. Desta forma uma informação leva a outra. Associamos o novo, a pessoa que conhecemos, com algo que faça sentido para nós.

Para desenvolver a habilidade de leitura em inglês é importante que a pessoa leia bastante em seu idioma natal. Esta afirmação, quando feita em sala de aula, sempre suscita uma grande dose de curiosidade e suspeita. Como podemos melhorar a habilidade de leitura em um idioma lendo em outro?

Na verdade, ao ler, estamos apenas aumentando o nosso conhecimento do mundo, criando novos referenciais onde informações novas podem se encaixar.

Na escola os professores nos ensinam que devemos ler um texto no mínimo duas vezes: a primeira vez para obter uma impressão geral e a segunda vez para obter uma visão mais aprofundada. Na verdade o que ocorre é que, quando lemos o texto pela primeira vez, grande parte das informações que possuímos subconscientemente sobre o assunto são trazidas à tona. Por isto que a segunda leitura é bem mais fácil que a primeira.

Na verdade não lemos com os olhos e sim com o cérebro. Mesmo que uma palavra esteja incorreta, frequentemente não notamos o erro. Se encontramos a palavra "Naboleão", dificilmente notaremos a troca das letras. Estudos demonstram que, se em nossa leitura, identificássemos primeiro a forma das letras, para depois formar as palavras e em seguida as sentenças, não conseguiríamos ler mais do que 60 palavras por minuto. A taxa média de leitura é de 150 palavras por minuto, e existem pessoas que conseguem ler muito mais rápido do que isto empregando técnicas de leitura dinâmica.

Na verdade o que ocorre é que nosso cérebro, a partir de algumas informações visuais, fornece o restante do contexto. Desta forma podemos ver que o nosso conhecimento prévio de determinado assunto pode contribuir para que absorvamos a informação com maior velocidade e facilidade.

Embora eu tenha empregado um exemplo tirado de minha experiência como professor de idiomas, esta abordagem do que é fácil ou difícil pode ser aplicada nos mais diversos aspectos de nossa vida. Resumindo, o fácil ou o difícil muitas vezes não é um problema conosco, uma limitação, e sim uma indicação de nosso preparo para lidar com determinadas situações. O difícil é um ponto final. Está acabado. O preparo é um processo, um dia chegamos lá. Nunca diga que algo é difícil. Diga: ainda não tenho toda a informação ou capacitação necessária, ainda não estou suficientemente preparado (mas estarei um dia). Você vai ver a diferença.

Muitos anos atrás, eu comprei um Dodge Polara, fabricado pela Chrysler. O carro, mais conhecido como "doginho", era bastante confortável. Pelo fato da Chrysler ter encerrado suas operações no Brasil, o carro não era mais fabricado e existiam muito poucos modelos deste tipo circulando pelas ruas. Era muito difícil vermos estes carros.

Incrivelmente, depois que eu comprei o doginho, passei a ver modelos iguais por todos os lados. Parecia que eles haviam brotado das profundezas. Como é possível?

Não existe nada de estranho nisto. Nós recebemos muito mais estímulos visuais do que somos capazes de processar. Eu não enxergava os doginho porque eles simplesmente não tinham relevância em nenhum aspecto da minha vida. Quando comprei um tudo mudou. O carro passou a fazer parte da minha vida, e desta forma, passei a notá-lo.

Como professor, habituei-me a buscar em meus alunos sinais que indicassem a efetividade de minha comunicação. Cansaço, aborrecimento, resistência, antagonismo, e muitas outras emoções, são expressas de maneira muito clara. São sinais que o

professor deve estar constantemente buscando, para que possa adequar seus métodos e conseguir estabelecer uma comunicação mais adequada com seus alunos.

Pessoas não ligadas ao ensino (e até mesmo muitos professores) são em muitos casos alheios a estas manifestações. Eu tive a sorte de perceber, muitos anos atrás, a importância de entender estes sinais, e me dediquei de corpo e alma a este aprendizado.

Muitos acreditam que a criatividade é um dom divino. Ou temos ou não temos. Surpreendemo-nos com soluções geniais para diversos problemas que simplesmente parecem brotar do nada. Idolatramos os criativos e nos lamentamos por não ser como eles, ou ainda, por não termos sido contemplados com tal dádiva dos céus.

Os dois exemplos que citei anteriormente servem para mostrar que a nossa percepção pode ser direcionada. Se consegui um dia enxergar na rua mais carros de um determinado modelo ou se consegui ser mais bem sucedido nas minhas aulas, certamente não foi devido a um raio que rasgou os céus e subitamente clareou a minha compreensão.

O primeiro passo a ser dado para conseguir um melhor desempenho em qualquer área é o despertar do interesse. Neste momento passamos a

enxergar o invisível. Isto entretanto não é tudo. O segundo passo, e o mais importante, é evitar comparações com profissionais mais experientes e bem-sucedidos. Neste ponto nos lamentamos de não termos recebido o tal dom divino, nos convencemos de que nunca vamos aprender e por aí vai. Este é o obstáculo mais perigoso. Quando nos convencemos da nossa incapacidade, é claro, nos tornamos incapazes. O pior de tudo é que, muitas vezes levamos esta crença a outras pessoas: nossos filhos, companheiros, amigos. Você certamente já deve ter vivenciado diversas vezes em sua vida este tipo de encorajamento negativo. Devemos certamente evitar comparações que nos limitem. Entretanto, devemos nos dedicar com todo empenho a observar profissionais bem-sucedidos para aprender com eles. Não existe nenhum problema com isto. Todos aprenderam com alguém. O mundo não começa do zero a cada geração que se vai. Os profissionais mais bem-sucedidos são exatamente aqueles que possuem a sensibilidade de captar no ambiente e nas atitudes e comportamento dos que o cercam, informações que possam ajudá-lo a desenvolver suas competências.

Quanto mais estivermos atentos, no mundo em que vivemos, às coisas que nos interessam, mais

desenvolveremos a habilidade de enxergar o invisível. Esta habilidade é que nos dará a aura de mágica, de criatividade.

Para ilustrar o meu último ponto, gostaria de usar uma pequena piada:

P. Você sabe o que o Tarzan disse quando viu o elefante em cima do morro?

R. Olha o elefante em cima do morro!

P. Você sabe o que o Tarzan disse quando viu o elefante em cima do morro usando óculos escuros?

R. Não disse nada, ele não o reconheceu.

Quando é feita a primeira pergunta ficamos surpresos. Qual é a pegadinha? Quando vem a resposta achamos engraçado e ficamos a um só tempo indignados e divertidos. A resposta para a segunda pergunta é claramente inusitada. Quase todos respondem a segunda pergunta da mesma forma que a primeira: "Olha o elefante em cima do morro usando óculos escuros". A primeira resposta induz a segunda.

A experiência é válida, mas sempre devemos desconfiar dela. Sempre tentamos procurar soluções para problemas novos tomando por base as soluções velhas. Em certos casos isto pode não ser

suficiente. A partir do momento em que nos recusamos a olhar o mundo todos os dias de uma ótica nova, sabendo que temos muito a aprender, começamos então uma decadência gradual e irreversível.

Para podermos criar precisamos nos habituar a conviver com o inesperado, a sempre buscar maneiras novas de fazer as mesmas coisas.

Eu sou um grande fã das histórias em quadrinhos do Snoopy e do Charlie Brown. Em uma delas o Snoopy insiste com o Charlie Brown que quer que ele ponha a comida no prato de água e a água no prato de comida. Na conclusão da história o Snoopy pensa: "A vida é muito curta para não ser vivida".

Em um nível mais amplo, grande parte do prazer de viver consiste em nossa capacidade de nos surpreendermos, de ver o novo constantemente ao nosso redor, de sermos tocados pela beleza.

Pense nisso ... e tente enxergar o invisível, deixando a sua criatividade fluir.

Uma característica interessante de todas as profissões, não só em nossa época como através dos tempos, é defender que a verdade lhes pertence.

Geralmente o nascimento de uma nova linha de pensamento se dá quando alguém descobre uma nova teoria, aplica-a em um número determinado de situações, descobre que tem uma taxa de acertos razoável e pronto. Temos um novo salvador. É claro que nem todos são salvos. Alguns ficam à margem e continuam a vida com seus problemas. Mas este é não é um problema da nova doutrina. O errado é quem não se encaixa nela.

Um outro complicador é a hostilidade aberta que os seguidores de uma doutrina dedicam aos advogados das demais. Esta hostilidade determina que não haja colaboração, ou muito pouca, e conseqüentemente o avanço é muitas vezes lento.

A verdade sobre o mundo em que vivemos nos é concedida pouco a pouco. Um pesquisador descobre uma parte do todo, formula suas teorias, as aplica, e assim por diante. O problema é que, com o pouco que descobrem, julgam em muitos casos ter descoberto toda a verdade. Formam seus grupos de

seguidores (ou fanáticos), e tendem a ignorar tudo o que possa contradizer suas teorias.

Um dos maiores psicólogos do século XX, Milton H. Erickson, se recusava a escrever uma teoria à qual outros pudessem se apegar como um dogma.

Vejam o que escreveu Jeffrey K. Zeig, no livro ***Seminários Didáticos com Milton H. Erickson:***

Com respeito à abordagem profissional de Erickson, é importante observar que, embora criasse várias abordagens novas e permissivas para a hipnose, como terapeuta ele era bastante inflexível quanto a manter-se antiteórico. Não promovia nenhuma teoria explícita da personalidade. Acreditava firmemente que uma teoria explícita da personalidade limitaria o psicoterapeuta e o tornaria mais rígido. Erickson estava comprometido com as idéias da flexibilidade, unicidade e individualidade. Deixou isto claro em seus escritos e na forma de vida.

Provavelmente ninguém estará certo o tempo todo. As verdades absolutas de determinada época se mostraram totalmente equivocadas ou incompletas em outros tempos. A perda da flexibilidade e a adesão a dogmas são o que há de mais pernicioso,

especialmente quando se trata de lidar com o ser humano em áreas como a educação e psicologia.

Os criadores da PNL (Programação Neuro Linguística), Richard Bandler e John Grinder, desenvolveram seu trabalho a partir da observação de pessoas de sucesso em suas áreas, como Milton H. Erickson, Virgínia Satir e outros. Estudavam como cada um deles se comportava e montavam procedimentos que pudessem ser replicados com o mesmo grau de sucesso. A criação de teorias, segundo os criadores da PNL, é danosa, pois uma vez que se segue uma teoria, se faz de tudo para encaixar a nossa visão de mundo dentro da teoria adotada. Nos fechamos a novas experiências e revelações.

No campo educacional a situação é ainda mais dramática. Milhares de crianças são consistentemente excluídas de uma vida normal, com um grande impacto sobre sua auto-estima, por não se adaptarem ao modelo pedagógico de uma outra vertente educacional. O ensino, mais do que qualquer outra atividade, não deve nunca perder de vista a flexibilidade. Existem escolas de grande sucesso, sem sombra de dúvida, mas nenhuma alcançou ainda 100% de êxito. Não acredito que alguém já tenha desenvolvido e aplicado um

modelo educacional que funcione em qualquer circunstância.

Posso afirmar entretanto, sem medo de errar, que a abordagem básica de qualquer método educacional deve ser o respeito total ao aluno, integral e sem restrições.

Muitos anos atrás caiu em minhas mãos o livro "Liberdade Sem Medo", de autoria de A. S. Neil. Neil fundou, em 1921, a escola chamada Summerhill,

Em Summerhill os alunos não são obrigados a freqüentar as aulas. Mas uma vez que se decidam a freqüentá-las, são obrigados a manter a disciplina e respeitar seus colegas e professores. Segundo Neil, muito tempo se perde forçando crianças a freqüentar aulas antes do tempo, quando seus interesses e atividades não condizem com estar sentado em uma sala de aula, reprimindo sua natural energia e vontade de explorar o mundo com suas próprias mãos. Crianças de sete a dez anos raramente se interessam em assistir aulas, porém o tempo supostamente perdido é rapidamente recuperado quando se decidem a freqüentá-las. A escola é administrada pelos próprios alunos. Em assembleias semanais, os alunos decidem as regras e como a escola devem funcionar. Em

determinados casos, crianças de sete anos eram líderes das assembleias, e eram respeitadas.

Muito do que A. S. Neil prega é certamente controverso e será rotulado por muitos como heresia da pior espécie. Entretanto, dos muitos ensinamentos que Neil nos deixou, o mais importante é o respeito integral ao aluno, respeito às diferenças. Summerhill, antes de tudo, é uma escola (ela ainda funciona, mesmo depois da morte de seu fundador) onde se respira liberdade e onde as crianças são confiantes e felizes.

Muitas teorias são feitas sobre o que uma escola deve ensinar, o que é outra das grandes tragédias da educação. Summerhill acerta em cheio ao propiciar meios para que seus alunos sejam confiantes e felizes. Aprender, o que quer que seja, fica muito mais fácil nestas condições.

A frase abaixo, extraída e traduzida do livro ***Summerhill School, A New View of Childhood***** (*A Escola Summerhill, uma Nova Visão da Infância*), oferece uma síntese poderosa da filosofia pregada e executada por Neil:

A função de uma criança é viver a sua própria vida - não a vida que seus pais ansiosos pensam que ela deve viver, nem uma vida de acordo com o propósito do educador que pensa

*que sabe o que é melhor. Toda esta
interfência e orientação da parte dos adultos
apenas contribui para formar uma geração de
robos.*

O jeito certo para se educar eu não sei qual seja,
mas o que devemos buscar em educação é oferecer
o ambiente e o meio para um desenvolvimento
sadio e feliz das crianças. O resto se arruma por si
só.

Para saber mais sobre Summerhill, e sobre as
ameaças sobre seu funcionamento, que
inacreditavelmente ainda existem, visite o
endereço [http://www.s-
hill.demon.co.uk/hmi/hmiindex.htm](http://www.summerhill.demon.co.uk/hmi/hmiindex.htm)

Em um de meus artigos, publicados no boletim Nova Educação, um leitor reclamou de que eu havia escrito o óbvio.

Na verdade eu sempre tenho esta sensação incômoda, de estar sempre escrevendo o óbvio, coisas que muitos já disseram antes de mim. Entretanto, algo que pude constatar ao longo dos anos, é que o que é óbvio para alguns nem sempre o é para muitos.

Mesmo na área de informática, em que trabalho, o pensar de que algo é óbvio e não deve ser comentado já trouxe muitos problemas. O que é considerado óbvio por um especialista dificilmente receberá a mesma avaliação por parte de um iniciante.

Muitos anos atrás, quando eu estava começando em minha carreira de informática, nós montamos uma lista de discussão pela Internet para que pudessemos compartilhar informações sobre administração de redes de computadores. A maioria de nós era iniciante e estávamos ávidos por compartilhar idéias e nos ajudar em nossos problemas do dia a dia. Um dos assinantes, todavia, era um profundo conhecedor do assunto.

Praticamente todas as nossas dúvidas eram "idiotas" no seu ponto de vista e ele não hesitava em nos dizer isto, de forma nem sempre muito educada. Em poucos dias a nossa lista, que tinha por objetivo ser um espaço amigável para troca de idéias, se converteu em um deserto, onde ninguém se arriscava a falar. Se falasse, possivelmente estaria expressando uma "obviedade" e sendo claramente rotulado de idiota ou algo pior pelo nosso especialista. Não preciso dizer que a lista morreu e cada um foi cuidar da sua vida. Ninguém mais teve coragem de falar nada, ao menos naquela lista.

A forma como aprendi inglês, por exemplo. Eu descobri a maior parte das minhas técnicas sozinho. Ninguém nunca me orientou sobre como estudar. Para mim estas estratégias funcionaram muito bem, com ótimos resultados. Mais tarde, ao pesquisar em diversos livros, em busca de fundamentação teórica para escrever sobre o assunto e também para dar aulas, descobri que a maior parte das minhas estratégias eram amplamente conhecidas. Só que ninguém me contou e eu não sabia, quando era estudante, onde procurar. Se eu soubesse possivelmente poderia economizar muito tempo em meus estudos e aprender mais rápido.

Muito embora as idéias que descobri eram, em sua maior parte, amplamente conhecidas, me dei ao

trabalho de documentá-las em meus livros e nos artigos do boletim Nova Educação. Cada pessoa é diferente e a maneira como aplica regras amplamente conhecidas também será diferente. A forma como nos expressamos, pode ser mais didática por ter uma maior afinidade com a experiência de vida do leitor. A mesma idéia ou processo, quando apresentada por pessoas diferentes poderá ter um impacto também completamente diferente.

Outro fato interessante. Escrevi um livro chamado *As Palavras Mais Comuns da Língua Inglesa*⁹, onde exponho uma metodologia para o ensino da leitura da língua inglesa. Certa vez encontrei um leitor do meu livro super entusiasmado. Ele havia conseguido aprender a ler inglês muito rapidamente usando o meu livro. Quando ele me contou como usou o meu método, eu vi que, a partir das minhas idéias, ele havia construído uma metodologia inteiramente sua, com excelentes resultados. O meu livro foi apenas uma centelha que desencadeou um processo de aprendizado próprio que refletiu a vivência daquele leitor em particular. Como sempre digo em minhas aulas, o que ensino não deve ser tomado ao pé da letra. O que conta, antes de mais nada, é a experiência de

9 <http://novateceditora.com.br/livros/linguainglesa2/>

vida de cada pessoa. Receitas prontas raramente funcionam.

O que realmente acontece é que um livro ou um artigo ou uma idéia, na verdade são muito mais. Cada leitor cria a sua versão do que lê. Um escritor não escreve apenas um livro, mas tantos livros quantos forem os seus leitores.

Por todas estas razões, admito sinceramente que não tenho nenhuma vergonha de escrever o óbvio. Certamente para algumas das pessoas que lerem meus artigos, a minha obviedade certamente poderá fazer diferença. Além do mais, gosto muito de compartilhar minhas descobertas e fico mais feliz ainda quando descubro que a minha experiência pode ser útil a alguém. Não me agrada a idéia de ir para o túmulo com todas as minhas experiências guardadas dentro da minha cabeça. Vivemos hoje em uma era em que a comunicação instantânea, com milhares ou mesmo milhões de pessoas é uma realidade. As idéias trafegam com mais rapidez e são também aperfeiçoadas na mesma velocidade. Por isto, não tenha receio de escrever o óbvio ou mesmo de perguntar o óbvio. As suas idéias poderão ser adotadas por outras pessoas e crescer, ser aperfeiçoadas, ficar mais bonitas e quem sabe, ajudar muita gente.

Certamente sempre existirão "especialistas" que irão ridicularizar o seu conhecimento, mas para cada uma destas pessoas negativas existem outras muitas que terão um enorme prazer em oferecer ajuda generosamente.

Relembrando, George Bernard Shaw disse uma vez:

If you have an apple and I have an apple and we exchange apples then you and I will still each have one apple. But if you have an idea and I have an idea and we exchange these ideas, then each of us will have two ideas
(Se você tem uma maçã e eu tenho uma maçã e nós trocamos nossas maçãs, então eu e você ainda teremos uma maçã. Mas se você tem uma idéia e eu tenho uma idéia e nós trocamos estas idéias, então cada um de nós terá duas idéias.)

Continuando nesta linha, alguém que já não me lembro, disse também que o conhecimento é a única coisa, que quanto mais compartilhado, mais cresce.

Portanto, vou continuar escrevendo sobre o óbvio, perguntando o óbvio e respondendo sobre o óbvio com a maior boa vontade.

Nos últimos trinta anos, produziu-se um volume de informações novas maior que nos cinco mil anos precedentes. Cerca de mil livros são publicados no mundo por dia e o total do conhecimento impresso duplica a cada oito anos

Peter Large, The Micro Revolution Revisited

Passamos por uma fase curiosa na história da humanidade. Todos nós, praticamente sem exceção, julgamo-nos incompetentes de uma forma ou outra. Sentimo-nos intimidados pela quantidade enorme de informações existente à nossa volta e tentamos futilmente, sem resultado, através de mais e mais estudo, diminuir a nossa ignorância.

O problema é que tais sentimentos de inadequação, longe de contribuírem para nos ajudar a resolver o nosso problema, em muito o agravam. Quanto mais nos julgamos incompetentes menor a nossa capacidade de aprender. A imensidão da tarefa, a nossa incapacidade de lidar com tanta informação nos reduzem a uma situação lamentável. Ficamos estressados, infelizes, nos rotulamos incompetentes e um sentimento de inadequação se apodera de nós.

O problema é não admitirmos que é impossível lidar com tanta informação. Ninguém pode. O problema não é apenas conosco, todos padecem da síndrome do excesso de informação, que já está se tornando uma doença de nosso tempo.

Precisamos admitir, em maior ou menor grau, que somos todos ignorantes. Mas isto não é algo ruim desde que saibamos lidar com este fato.

Para começo de conversa, não importa o que você faça, em um grau ou outro, você sempre será um ignorante. Ninguém nunca, de maneira alguma, poderá reivindicar um conhecimento completo de qualquer assunto que seja. Este é o primeiro passo para a sua salvação e sanidade mental.

Em segundo lugar, a partir do momento em que você acha que sabe tudo, realmente não vai conseguir aprender mais nada. Afinal de contas, quem sabe tudo tem uma posição a manter, não pode ter dúvidas e também não pode errar. E quem não erra não aprende.

Alguns acham que sabem tudo, outros fingem. Já que não dá para saber tudo mesmo, nos transformamos em perfeitos farsantes. Muitos de nós, ao tomarmos consciência desta realidade aterradora, nos fazemos de entendidos. Nas conversas, tentamos identificar o momento correto

de balançar a cabeça, sinalizando compreensão de assuntos sobre os quais não fazemos a menor idéia. Neste ponto estamos condenados em definitivo, pois quem sabe tudo, ou finge que sabe, não pode nunca fazer perguntas, pois corre o risco de ser desmascarado.

O que fazer então? Para começar, devemos praticar a seletividade. Eu tive um professor de inglês que um dia nos surpreendeu ao nos instruir a nunca ler livros bons. Todos ficamos surpresos com tal afirmação, ao que ele completou: apenas leiam os livros ótimos. Se a quantidade de informação é enorme, certamente nem toda ela é de qualidade. Concentre-se apenas no que for rotulado de excelente.

Mesmo assim ainda sobra muita coisa a ser assimilada. O importante então é ficar consciente de que vale muito mais saber onde a informação se encontra do que saber tudo (o que é impossível). Quando (e se) aparecer a necessidade de se resolver um determinado problema, temos todos os elementos para esclarecê-lo. Este tipo de conhecimento não se resume apenas nos conectores para a informação em si, mas também no conhecimento de pessoas com habilidades possam nos ajudar. Conhecer as pessoas certas é uma habilidade social e profissional de grande valor.

Procure conhecer os que estão à sua volta, suas habilidades, seus gostos e principalmente suas necessidades, pois se muitas vezes você irá buscar ajuda, em outras poderá também ajudar, reforçando o vínculo com os que estão ao seu redor.

Admita a sua ignorância. Ao contrário do que se pensa, a maioria das pessoas gosta de ajudar quem precisa. Da mesma forma, a queda do arrogante é desejada e incentivada de forma ardente por muitas pessoas. A admissão da ignorância é de muitas formas libertadora, pois nos torna receptivos a novas experiências, a novos contatos, nos ajuda a enxergar o mundo de uma forma melhor e mais rica.

Neste ponto eu gostaria de contar uma história muito interessante, sobre o filósofo inglês Bertrand Russel. Uma vez lhe perguntaram se estava disposto a morrer por seus ideais. A resposta: "Claro que não, afinal de contas, eu posso estar errado".

Não se sinta também superior a este ou aquele. Todas as pessoas podem ser nossos professores. Tenho também para ilustrar este ponto duas histórias maravilhosas. Em uma reunião de gerência de uma empresa que fabricava pasta de dentes, os participantes tentavam a todo custo descobrir uma

forma de aumentar as vendas. Por mais que discutissem a solução não aparecia. Em certo ponto, o faxineiro, que observava tudo com atenção, pediu, timidamente, permissão para falar. Sugeriu: "Por que vocês não aumentam o tamanho do buraco do tubo?". Simples, óbvio, mas ninguém havia pensado nisto.

A outra história diz respeito a uma prova de um curso de MBA de uma faculdade de renome nos Estados Unidos. A primeira questão exigia dos alunos que registrassem o nome do porteiro do prédio. A questão foi recebida com indignação pela maioria dos alunos, que não sabiam a resposta. Pensavam que era uma brincadeira, ao que o professor respondeu que era a questão mais importante da prova. Todas as pessoas são importantes e merecem ser respeitadas, independentemente de sua posição social ou educação.

Toda esta ansiedade causada pela síndrome do excesso de informação, nos faz esquecer como aprender. Lemos muito mas nos lembramos de pouco. A nossa ansiedade só faz crescer. A minha vivência em sala de aula, principalmente como professor de inglês, me forneceu diversas pistas valiosas sobre este processo. Ao lidar com adultos, para os quais o aprendizado do inglês era uma

questão de vida ou morte, testemunhei muito que relatei nos parágrafos anteriores. A ansiedade em aprender, criada pelas pressões profissionais, tornava ainda mais difícil o aprendizado. O aprendizado de um idioma é ao mesmo tempo algo complexo e simples. Complexo por que não sabemos explicar como se processa e simples pelo fato de que quanto menos nos preocupamos com o formalismo e nos soltamos, mais aprendemos. Se erramos com frequência, e não temos vergonha de nossos erros, aprendemos com mais rapidez.

O prazer e a alegria de aprender também é fundamental. Um de meus alunos tinha terríveis dificuldades para fazer as lições e memorizar as estruturas que tentávamos inculcar em sua cabeça através de inúmeras repetições. Nesta mesma escola tínhamos algumas atividades extras que consistiam na filmagem dos alunos encenando diversas situações, uma espécie de teatro. Pois este mesmo aluno, que mal conseguia dizer uma palavra na sala de aula, se revelou como o mais desenvolvido e engraçado da turma toda. Mas a atividade extra não contava pontos e o pobre aluno em certo momento desistiu de estudar inglês, pois não conseguia o desempenho que se esperava dele nas atividades formais de sala de aula e nos testes. O sistema também não era flexível o suficiente para

se moldar ao potencial do aluno, que nas condições certas, se comunicava de forma surpreendente.

Para encerrar este artigo (por enquanto), gostaria de salientar os pontos principais:

- Ninguém sabe tudo. Assuma sua ignorância e seja feliz com ela.
- Aprenda sempre, com todos
- Saiba filtrar o que realmente lhe interessa e lhe dá prazer
- Não se preocupe. 90% das coisas que tememos não vão acontecer mesmo e os restantes 10% vão acontecer de qualquer jeito. Pergunte-se frequentemente: "e daí?" Faça o que for possível, aprenda o que conseguir e tente se divertir enquanto isto.

Santa ignorância não é um palavrão. É uma realidade bem-vinda.

O Oriosvaldo estava andando pela rua quando encontrou seu velho amigo de infância, o Antenor, psicólogo de renome. Após os abraços e saudações de costume, o Antenor perguntou como ia de saúde o seu amigo.

O Oriosvaldo, triste, respondeu: "Não vou muito bem não. Botei na cabeça que, quando vou dormir, tem alguém embaixo da cama. Se vou para baixo da cama, cismo que tem alguém em cima. É a noite toda neste inferno, embaixo, em cima, embaixo, em cima. Não consigo pregar o olho".

O Antenor, fazendo jus à sua fama, promete: "Se você se tratar comigo, em um ano estará curado".

Oriosvaldo, desconfiado, pergunta: "E quanto isto vai me custar?"

"Muito pouco", responde o Antenor. "Serão duas sessões semanais, durante um ano, a R\$ 200,00 a consulta".

Oriosvaldo, fazendo suas contas, toma um susto e diz que vai pensar no assunto. Despedem-se, e um ano depois, acontece um novo encontro.

O Antenor, curioso por não ter tido notícias do amigo por tanto tempo, pergunta-lhe sobre sua fobia. Oriosvaldo, feliz, responde que está curado.

"Mas como conseguiu isto? Quem foi que conseguiu te curar?" questiona Antenor.

"Meu barbeiro", responde Oriosvaldo.

"Seu barbeiro?? Mas como??" exclama Antenor surpreso.

"Foi mais simples do que eu imaginava. Eu contei meu caso para meu barbeiro e ele me disse que por R\$ 10,00 me curava em um dia. Eu aceitei na hora. Ele então me disse para cortar as pernas da cama."

Esta história ilustra um fato interessante, talvez de forma um tanto extravagante. Um dos mitos de maior força em nossa cultura é que o simples não é válido. Apenas aquilo que é conseguido com muito esforço tem valor. Bom, sim e não.

Não existem verdades absolutas, mas a busca pela simplicidade deve ser uma meta permanente em nossas vidas. Na educação, no trabalho, em casa. Quantas e quantas vezes já vi projetos se arrastarem por anos a fio, por serem projetados de forma complexa e por serem, conseqüentemente, inviáveis, exigindo enormes dispêndios de recursos financeiros e humanos.

Também na educação temos a tendência de querer complicar algo tão simples, como a capacidade de aprendizado. Para aprender, dizem muitos, temos que estar e ser sérios. Diversão e aprendizado não combinam. Inventamos múltiplas teorias. Veja só como os americanos ensinam suas crianças a soletrar suas palavras. Regras complicadíssimas, que nenhuma pessoa normal tem capacidade de memorizar. Como seria mais simples contar histórias em sala de aula, despertando o interesse dos alunos pela leitura. Pela leitura constante aprendemos intuitivamente as regras de funcionamento do idioma, sua fonética e estrutura, sem dor e sem necessidade de memorizar regras impossíveis de serem aprendidas.

Das poucas coisas que me lembro do meu tempo de escola primária, as mais marcantes são as sessões de leitura com minha professora. Robinson Crusóe, Monteiro Lobato, e muitos outros. Não se ouvia um barulhinho na sala de aula. Dali para a leitura de mais livros, desta vez por conta própria, deixando a imaginação construir todos os cenários fantásticos destes livros inesquecíveis. Confesso que não conheço nada de gramática, mas estes livros e muitos outros que aprendi a gostar de ler, me ensinaram a me expressar de forma correta.

Nas minhas aulas de inglês instrumental, a maior dificuldade que tenho é convencer meus alunos que aprender a ler em inglês não é complicado e não toma quase tempo nenhum. Tudo o que faço é lhes dizer, em primeiro lugar, que são capazes de fazer qualquer coisa que desejem e acreditem nisto. Em segundo lugar, peço aos alunos que tenham em mente que o que buscam é o divertimento, e não aprender inglês. O mais importante é buscar se divertir, o aprender é uma consequência, muitas vezes que acontece de forma sutil e quase sem nos darmos conta disto. O terceiro ponto é o tempo. Sempre temos tempo para fazer o que gostamos. Quem diz que não tem tempo de ver um jogo da copa do mundo? Muito poucos. Uma vez que eu consiga convencer os alunos dos dois primeiros pontos, o terceiro ocorre sem problemas.

Aprender a ler em inglês não tem mistério. Mostro apenas algumas técnicas e depois tento recomendar materiais para leitura. Não forneço uma receita fixa, digo apenas que cada um deve buscar a leitura daquilo que lhe dá prazer, não importa o que.

Em uma de minhas aulas, vendo que meus alunos não tomavam a iniciativa da leitura por conta própria, comecei a perguntar-lhes que tipo de leitura lhes dava prazer. Um dos alunos foi veemente em suas afirmações de que não gostava

de ler. Fiz-lhe diversas perguntas até que me veio a inspiração. Perguntei se gostava de ler piadas. Seu rosto se iluminou e ele disse que sim, que adorava ler piadas. Daí nasceu a idéia de criar a lista eletrônica "English For Reading", que veicula uma piada ou citação diariamente.

A lista foi e tem sido um sucesso. Muitas pessoas, as quais certamente nunca encontrarei, têm se beneficiado deste trabalho. Hoje já são quase 5.000 assinantes.

Esta lista ilustra outro ponto que considero fundamental. Não vale a pena ter pressa. Muitos de nós desejam aprender inglês de um dia para o outro e acreditam nas promessas que diversos cursos de inglês pouco idôneos não se cansam de espalhar na televisão, em revistas e jornais. Eu envio uma historinha por dia. Se aprendermos duas palavras diariamente, em um ano já serão 700 palavras. Pense bem, as 250 palavras mais comuns da língua inglesa representam cerca de 70% de um texto técnico. Os cognatos, que são as palavras que se parecem em inglês e português, como possible e impossible, que podemos identificar sem a ajuda de ninguém, somam mais 20% do total, o que nos dá quase 90% de um texto. O vocabulário falado no dia a dia é algo entre 2.000 e 3.000 palavras. Neste ritmo,

uma piada por dia, em dois ou três anos já teremos um vocabulário de 2.500 palavras. Sem percebermos. Dando boas risadas. Um pouquinho por dia, todos os dias.

Demora muito? Pense nos projetos que você não começou por serem muito demorados. O tempo passou do mesmo jeito e você está aí, do mesmo jeito. Sem ter começado. Mas se você realmente tem pressa, e quiser aprender a ler mais rápido, não tem problema, leia mais piadas. Todas elas estão no site do IDPH. É só começar a ler. Mas não se esqueça da receita realmente infalível, só vai funcionar se você se divertir.

Neste ponto eu me lembro dos meus tempos de estudante. Eu queria estudar letras, mas por ser um curso de quatro anos eu nem comecei. Já se passaram mais de vinte anos e eu poderia ter feito o curso diversas vezes. Mas pelo menos eu aprendi a lição.

Enfim, milagres não existem, mas a maior parte do tempo ninguém precisa de milagres. A palavra mágica é simplicidade. Se estiver muito complicado deve ter alguma coisa errada. Pense nisso!

Referências

- *As Palavras Mais Comuns da Língua Inglesa*

Este foi o livro que escrevi onde descrevo uma

metodologia simples e rápida para aprendizado de inglês para leitura de textos técnicos. Este livro preenche uma lacuna importante no ensino da língua inglesa. Apresenta a lista das palavras mais usadas desse idioma, com exemplos de utilização, permitindo conhecer o vocabulário básico da língua inglesa em pouco tempo. Apresenta também uma metodologia de aprendizagem para utilizar esta ferramenta de acesso à informação de vital importância, que é a língua inglesa.

Para saber mais sobre esta obra visite o website da Editora Novatec¹⁰

- ***Lista English for Reading***

Esta lista veicula diariamente uma história, preferencialmente engraçada (afinal, quem não gosta de uma boa piada?), ou uma citação. As histórias estão em inglês, e as palavras mais incomuns são comentadas. Dessa forma os alunos aprendem, todos os dias, duas ou mais palavras novas. Todos os dias. Em um ano esse pequeno esforço diário pode vir a fazer uma grande diferença.

Essa lista está hospedada no serviço

¹⁰ <http://www.yahoogroups.com>

YahooGroups¹¹. O cadastramento é aberto a todos os interessados, bastando para isto enviar um email com a caixa de texto vazia para o endereço

efr2-subscribe@yahogroups.com. O histórico dessa lista, com todas as mensagens já veiculadas, está também disponível na seção *English for Reading*, em <http://www.idph.net/conteudos/idiomas/efr>.

- ***A Reconstrução da Torre de Babel***

Este foi o meu primeiro trabalho escrito relatando minhas experiências para o desenvolvimento do inglês para leitura.

11 <http://www.yahogroups.com>